

## **Design e gênero: marcações binárias na Ergonomia**

**Yasmin Menezes (ESDI/UERJ)**  
yasminsmenezess@gmail.com

**Grassine (ESDI/UERJ)**  
grassine.co@gmail.com

**Guilherme Altmayer (ESDI/UERJ)**  
galtmayer@esdi.uerj.br

## Design e gênero: marcações binárias na Ergonomia

**Resumo:** O presente artigo apresenta um olhar queerizado sobre alguns aspectos de bibliografias de Ergonomia usualmente utilizadas em disciplinas de graduação em design, com ênfase em produto, em universidades do Rio de Janeiro. O objetivo é evidenciar como a literatura e produções do design também podem operar como tecnologia de gênero ( DE LAURETIS, 1994), reforçando discursos centrados na figura do homem, na marcação biológica e binária de gênero – homem x mulher, dando a ver algumas implicações políticas do campo. A revisão bibliográfica incluiu as seguintes publicações: As medidas do homem: Fatores humanos em design(1960) e sua revisão em As medidas do homem e da mulher: Fatores humanos em design (1993); Ergonomia: projeto e produção (2005); Ergonomia Prática (2012) e Dimensionamento Humano para Espaços Interiores (2016);

**Palavras-chave:** design e política; teoria queer; Ergonomia; práticas de design; opressão.

## *Design and gender: binary markings in Ergonomics*

**Abstract:** *This article presents a queerized look at some aspects of Ergonomics bibliographies commonly used in undergraduate courses in design, with an emphasis on product, at universities in Rio de Janeiro. The objective is to show how literature and design productions can also operate as a gender technology (LAURETIS, 1994), reinforcing discourses centered on the figure of man, on the biological and binary marking of gender – man x woman, revealing some political implications from Camp. The literature review included the following publications: Measures of Man: Human Factors in Design (1960) and its review in Measures of Man and Woman: Human Factors in Design (1993); Ergonomics: project and product (2005); Practical Ergonomics (2012) and Human Design for Interior Spaces (2016);*

**Keywords:** *design and politics; queer theory; ergonomics; design practices; oppression.*

## 1. Introdução

O presente artigo objetiva evidenciar como discursos que reforçam o sistema binário de gênero (homem x mulher) são reproduzidos reiteradamente no campo do design, especificamente nas principais literaturas de Ergonomia utilizadas nos cursos de graduação em design, com ênfase em produto, em quatro universidades do Rio de Janeiro, são elas: Universidade Federal Fluminense (UFF), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Escola Superior de Desenho Industrial (ESDI) e Pontifício Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ).

Binarismo de gênero é aqui compreendido como um conjunto de aparatos discursivos que operam no sentido de atribuir imediatamente o sexo masculino (homem) a um ser humano que nasce com pênis, e o sexo feminino (mulher) a um ser humano que nasce com vagina. A partir desta predefinição são atribuídos aos seres humanos ocidentais significados culturais que nomeiam o corpo em um caráter imutável e universalizante limitados a esta configuração (LOURO, 2016).

A partir de um olhar *queerizado* (Portinari, 2017), termo que deriva de *queer*, que no inglês se refere à estranho, buscamos evidenciar como o design está implicado em produções discursivas que oprimem e reforçam a abjeção em relação a corpos como os de pessoas trans, travestis e não binárias, que não se enquadram nas normas binárias de gênero predominantes. Para Portinari (2017):

Queerizar o design é sensibilizar o campo para os aspectos e os efeitos políticos, éticos, estéticos e subjetivos do design na contemporaneidade, abordando-o enquanto processo social de configuração do sensível compartilhado, do espaço comum. Queerizar é ainda problematizar e transviar a participação do design na (re)produção e materialização das estratégias da normatividade, através da análise crítica de sua inserção nesses processos, agenciando-o para a produção de perspectivas e práticas contra-normativas e a potencialização de novas possibilidades de existência. (PORTINARI, 2017, p.3)

Utilizamos a revisão bibliográfica como metodologia para analisar as principais literaturas em ergonomia aplicadas em salas de aula de cursos de design de quatro universidades do Rio de Janeiro. Para tal, realizamos, primeiramente, um levantamento das ementas utilizadas nas disciplinas oferecidas, para então mapear as literaturas mais comumente utilizadas em pelo menos duas das universidades mapeadas (Autora Oculta, 2023).

A pesquisa evidenciou as seguintes publicações, que são objeto de análise no presente texto: [1] *As medidas do homem: Fatores humanos em design*, de

Henry Dreyfuss, primeira versão publicada em 1960, presente nas ementas da Escola Superior de Desenho Industrial (ESDI) e Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e a segunda versão revisitada por Alvin Tilley, em 1993 [2] *As medidas do homem e da mulher: Fatores humanos em design*, presente na ementa da Universidade Federal Fluminense (UFF); [3] *Ergonomia: projeto e produção*, de Itiro Iida (2a. ed. 2005), presente nas ementas da Universidade Federal Fluminense (UFF), Escola Superior de Desenho Industrial (ESDI) e Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); [4] *Ergonomia Prática*, de Jan Dul e Bernard Weerdmeester (3a. ed. 2012), presente na Escola Superior de Desenho Industrial (ESDI), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio); e por fim, [5] *Dimensionamento Humano para Espaços Interiores*, Julius Panero e Martin Zelnik (2016), presente na Universidade Federal Fluminense (UFF), Escola Superior de Desenho Industrial (ESDI) e Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ);

Antes de partirmos para a revisão bibliográfica dos títulos supracitados, proposta principal deste artigo, cabe apresentarmos algumas questões sobre as implicações políticas do design, como máquina de produção discursiva, e como ferramentas da teoria *queer* podem auxiliar na ampliação do olhar e como ferramentas da teoria queer podem auxiliar na ampliação do olhar sobre os muitos corpos sobre os quais o design incide.

## 2. Políticas do Design e problemas de gênero

É sabido que o design enquanto manifestação de linguagem não é neutro (ALMEIDA JUNIOR; NOJIMA, 2010) e pode operar como um mecanismo de opressão. Tanto o designer quanto suas produções são parte de processos de subjetivação que geram significados discursivos que incidem em comportamentos coletivos e individuais, cumprindo um papel social (FRASCARA, 2000). Em consonância, é fundamental analisar como as diferentes dimensões discursivas e políticas no campo do design ganham forma, permitindo mitigar seu caráter opressivo, ao tornar evidente, através de um olhar crítico sobre suas bases teóricas, as consequências das práticas projetuais, possibilitando provocar tensionamentos nas relações de poder que tem o design como um dos mediadores — como demonstra Laila Borges (BORGES, 2017, p. 49):

O design, por ser uma atividade representacional, utiliza códigos para transmitir um significado, que é decodificado e interpretado de acordo com os próprios códigos culturais do receptor da mensagem. Portanto, seu significado é aberto e polissêmico, e não é controlado pelo produtor do design. [...] Os códigos dominantes em uma determinada cultura seriam, portanto, tanto estéticos como sociais. Em uma sociedade

atravessada por relações de poder desiguais, e onde fatores como gênero, raça, sexualidade e classe social produzem hierarquias sociais, os códigos através dos quais o design é constituído e interpretado são os códigos de quem está posicionado nos níveis superiores dessas hierarquias. (BORGES, 2017, p. 49)

Os códigos dominantes mencionados por Laila Borges (2017), são comumente ignorados por articuladores do campo e apresentados como naturais ou dados — o que garantiria uma universalização de suas práticas que incidem na regulação e adequação dos sujeitos, conforme a estrutura social vigente.

Ao tratar dessas implicações por uma perspectiva de gênero, Talita Rodrigues e Denise Portinari (2016) apontam como o modo de operar o design tem se baseado, muitas vezes, em paradigmas patriarcais e sexistas, desenvolvendo saberes e visualidades reprodutivas desses discursos. Cheryl Buckley (1986) ressalta como ainda são poucas as mulheres citadas na literatura sobre o design e que o papel da mulher é estabelecido por estereótipos baseados no patriarcado<sup>1</sup>, que têm respaldo nas teorias científicas de diferenciação de capacidade física e mental entre homens e mulheres, que foram utilizadas como justificativas para restringir papéis sociais e profissionais das mulheres na sociedade ocidental; e também para balizar parâmetros antropométricos utilizados na ergonomia, como abordaremos mais adiante.

Como veremos, a teoria *queer* nos ajuda a desenvolver um olhar crítico no sentido da desconstrução de verdades. De difícil tradução, *queer* é uma palavra de língua inglesa que, pejorativamente, foi utilizada para humilhar gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais. A partir de lutas sociais e articulações políticas e acadêmicas, iniciadas nos anos 1980, estes termos foram ressignificados para representar um posicionamento político, que reafirma formas dissidentes de estar, ser e pensar no/o mundo contemporâneo (MISKOLCI, 2012).

Mais do que reivindicar o respeito às diferenças, ou assimilação, buscase, através deste arcabouço teórico, prático e ativista, desconstruir as normas regulatórias que eram responsáveis pela reprodução das injustiças e desigualdades historicamente estabelecidas, a partir das diferenças sexuais, raciais e de gênero – com o intuito de tensionar e romper com prescrições normativas em torno dos corpos sexuais e generificados. *Queer, ou bixa,*

1 O patriarcado pode ser definido como “o poder que homens usam para dominar mulheres” (HOOKS, 2020, p.145).

*travesti, sapatão*, tornaram-se ferramentas políticas de reafirmação de si e de denúncia da heteronormatividade<sup>2</sup> (MISKOLCI, 2012).

Neste sentido, para Guacira Lopes Louro (2008), trata-se de trazer para a discussão experiências consideradas não legítimas, abjetas e marginalizadas:

Mais do que uma nova posição de sujeito, *queer* sugere um movimento, uma disposição. Supõe a não-acomodação, admite a ambiguidade, o não-lugar, o estar-entre. Sugere fraturas na episteme dominante. (LOURO, 2008, p.135)

É a partir dessas reflexões acerca do *queer* que Denise Portinari (2017) propõe investigar como a prática do fazer design opera na produção e materialização normativa de identidades, subjetividades e diferenças sociais, potencializando a proposição de novas possibilidades de existência. *Queerizar* pretende, portanto, estabelecer meios de questionamento e desconstrução sistemática dos modos de produção de saberes do corpo na modernidade capitalista neoliberal, onde dispositivos como o da sexualidade e gênero estão a serviço de sua implementação e perpetuação.

Diversas autoras do campo do design no Brasil também já vêm se debruçando e *queerizando* sobre o tema em áreas diversas, como as relações entre design gráfico e estereótipos de gênero (RATTI, BECCARI, 2020), o design de interior como prótese de gênero (ZACAR, 2018), as proposições de um design bixa na articulação de memórias LGBTIA+ (ALTMAYER, 2020), ou mesmo como os estudos de gênero impactam a história do design (SAFAR, DIAS, 2016).

A partir dessas investigações é possível evidenciar como a relação entre design e binarismo de gênero é mais próxima do que aparenta. A tecnologia de gênero de Lauretis (1994) mostra que durante os anos 60 e 70, gênero era visto como um diferenciador sexual, ou seja, uma série de mecanismos que demarcavam as diferenças da mulher com relação ao homem – como eixo primordial:

O sistema sexo-gênero é tanto uma construção sociocultural quanto um aparato semiótico, um sistema de representação que atribui significado (identidade, valor, prestígio, posição de parentesco, status dentro da hierarquia social etc.) a indivíduos dentro da sociedade” (DE LAURETIS, 1994, p. 212)

- 2 Por heteronormatividade entende-se como um sistema predominante que determina a heterossexualidade como compulsória.

Perceber o gênero como performativo (BUTLER, 2003) não somente abala a naturalização da ideia de permanência cisnormativa, como também situa a performatividade como central nas definições de nossos traços socioculturais. Nessa perspectiva, Adrian Forty (2007), ao analisar catálogos de venda de produtos do final do século XIX, mostra que uma das muitas maneiras de assegurar a diferenciação no design se dá a partir do entendimento cultural do que é apropriado para mulheres e homens e das noções de masculino e feminino, que obedecem a um conjunto de convenções sociais que operam em diferentes espaços e tempos.

Para o autor, a construção de gênero a partir da diferença entre homens e mulheres propiciava a formação de espaços sociais “gendrados”<sup>3</sup>, onde estariam estabelecidos o que seria referente às mulheres e aos homens. Isso fez com que durante algum tempo as produções feministas se mantivessem reféns das lógicas do patriarcado, tomando o homem cisgênero<sup>4</sup> como ser universal e todas outras subjetividades como desvio.

É imprescindível notar que essas lógicas operantes de hierarquização opressiva de gênero não se apresentam apenas dentro da lógica binária (homem x mulher) dominante. Ela se manifesta através de múltiplas outras experiências de mulheridades, ou seja, outras formas de se performar a categoria mulher, a categoria homem, feminilidades e masculinidades, que não estão subscritas no que é ser mulher e homem, muito menos associadas ao órgão genital. Para Wittig (2002), fazendo um paralelo com Butler (2003), gênero se trata de um ideal performativo, com finalidades violentas de exclusão – ou seja, não existe mulher como tal. Gênero seria, portanto, uma categoria de opressão.

Letícia Nascimento, autora transfeminista, colabora com essa discussão com a pergunta: “Quando você se tornou mulher?” (NASCIMENTO, 2021, pg.96). O espanto desse tipo de pergunta provém do fato de que ninguém postula tal questionamento a pessoas cisgêneras, pois se supõe que elas tenham moldado seus gêneros de forma ‘natural’ desde pequenas. Neste sentido, Koyama (2002) justifica que o uso do termo cisgênero busca evidenciar

3 O termo “gendrado” designa espaços que são definidos pelas “especificações de gênero”.

4 De acordo com Jaqueline Gomes de Jesus (2012), cisgênero é “um conceito que se refere às pessoas que se identificam com o gênero que lhes foi determinado quando de seu nascimento. Uma estratégia política para fazer contraponto ao termo trans, utilizado comumente como patologizante.

um grupo dominante que busca predominar (ditar a norma) discursivamente sobre outros, como as pessoas transgêneras<sup>5</sup>.

Ao evidenciar brevemente algumas implicações políticas do design e sua relação com problemas de gênero, partimos para a análise bibliográfica proposta, com o intuito de desnaturalizar a cisgeneridade e a binaridade, na compreensão destas enquanto um projeto também do fazer design, e não como regra ou então, como uma regra a ser quebrada e revista.

### 3. O 'homem', binarismo de gênero e a Ergonomia

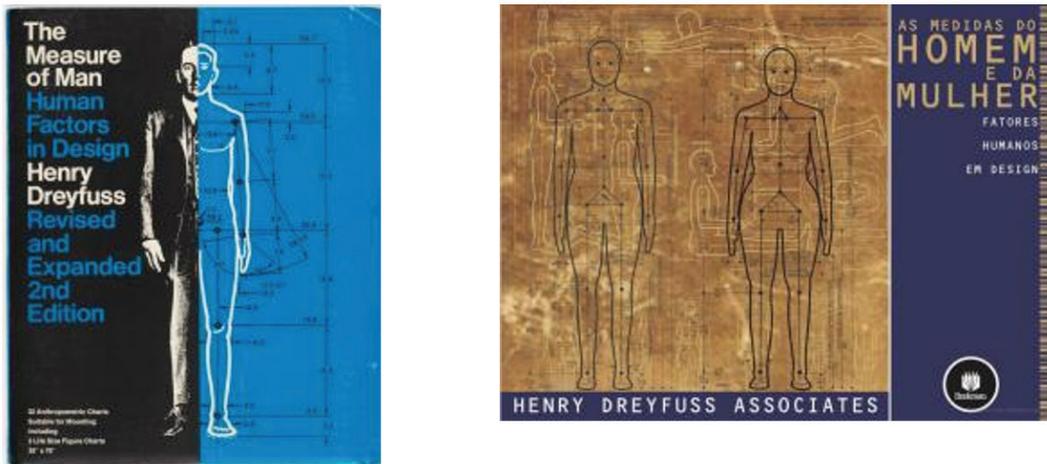


FIGURA 1: À esquerda, “A Medida do Homem Fatores Humanos em design”. (tradução nossa) Primeira edição, 1960. À direita, “As Medidas do Homem e da Mulher. Fatores humanos em design (1993).”

Nos debruçamos inicialmente sobre duas edições da obra de Henry Dreyfuss – a primeira, lançada em 1960, *As medidas do homem: Fatores humanos em design*, de Henry Dreyfuss, e a segunda, revisada por Alvin Tilley em 1993, intitulada *As medidas do homem e da mulher: Fatores humanos em design*.

Antes mesmo de abrir as publicações, podemos notar que as capas (acima ilustradas) já nos comunicam algumas questões pertinentes ao gênero. A primeira versão, de 1960 (Figura 1), apresenta o uso da imagem de um homem utilizando trajes finos, com traços caucasianos, e o título, *A medida do homem*, destacado no topo. Esta centralidade no homem, tanto no título quanto na representação gráfica – homem ideal: branco, esguio – simboliza a supremacia do ‘homem’ como representante universal do ser humano.

5 Terminologia escolhida para referenciar pessoas travestis, transexuais e transgêneros (ALVES, 2017)

O termo ‘homem’ era, e ainda é, um termo comumente utilizado para denominar genericamente o indivíduo da espécie humana independentemente de sexo. Este termo vem caindo em desuso, como evidencia a edição revisitada três décadas mais tarde. A utilização da palavra homem como equivalente de ser humano tem diversas origens, como na Grécia Antiga, onde os homens eram tratados como o sexo padrão e as mulheres vistas como um “desvio” de uma suposta grandiosidade masculina. E até mesmo na religião cristã, onde na Bíblia o versículo Gênesis 5:2 afirma: “Homem e mulher os criou; e os abençoou, e os chamou pelo nome de homem, no dia em que foram criados.” O termo foi também utilizado na Declaração Universal dos Direitos do Homem e do Cidadão<sup>6</sup>, que define os direitos individuais e coletivos dos seres humanos.

Já na capa da edição revisitada 33 anos depois, em 1993 (Figura 1), o homem deixa de ser o representante universal do ser humano e das medidas do corpo, passando a compartilhar o espaço com a figura da mulher não somente no título, mas também na ilustração com a inclusão de uma silhueta feminina na capa. Homem e mulher, cisgêneros, representam agora esta universalidade, reforçando o binarismo de gênero.

Em *Políticas do Design*, Ruben Pater (2020) ressalta que os parâmetros utilizados nas análises do corpo de Dreyfuss tinham como base estudos que consideravam somente o biotipo de soldados militares estadunidenses. Dreyfuss (TILLEY; HENRY DREYFUSS ASSOCIATES, 2005, p.10) explica os resultados de seus estudos afirmando:

Não é usual projetar para todos. Os poucos localizados nos pólos da normalidade podem representar divergências tão extremas que seria muito extenso e caro produzir um guia de design levando isso em conta. (TILLEY; HENRY DREYFUSS ASSOCIATES, 2005, p.10)

Diante do que Dreyfuss sinaliza, podemos questionar: quem dita o que é normal? A normalidade corporal estadunidense é a mesma que a brasileira, por exemplo? Ainda que seja compreensível a necessidade de encontrar padrões medianos para a tomada de decisões, não seria possível diversificar o espectro de corpos analisados objetivando obter novos padrões mais inclusivos?

6 Ver [https://pt.wikipedia.org/wiki/Declaração\\_dos\\_Direitos\\_do\\_Homem\\_e\\_do\\_Cidadão](https://pt.wikipedia.org/wiki/Declaração_dos_Direitos_do_Homem_e_do_Cidadão)



FIGURA 2. À esquerda, Ergonomia Projeto e Produção, 2ªed. Itiro Iida, 2005. Ao centro, Ergonomia Prática, 3ª ed. Jan Dul e Bernard Weerdmeester, 2012. À direita, Dimensionamento humano para espaços interiores, Julius Panero e Martin Zelnik, 2016.

Os estudos ergonômicos se baseiam, em grande medida, em pensadores pioneiros como Marcos Vitruvio (tendo DaVinci ilustrando o Homem Vitruviano a partir das bases de Vitruvio), Le Corbusier e Ernst Neufert, que utilizavam como representação humana a figura do homem cisgênero, ainda hoje comumente representada através de ilustrações como a da obra de Panero e Zelnik (2016) – figura 2.

Os três autores, cujas capas estão acima ilustradas – Iida (2005), Weerdmeester (2012) e Panero & Zelnik (2016) aportam conceituações acerca da ergonomia e entendimento do corpo baseadas no Homem Vitruviano – a forma perfeita. Para Iida (2005, p.2), “a Ergonomia é o estudo da adaptação do trabalho ao homem”:

Existem diversas definições de Ergonomia. Todas procuram ressaltar o caráter interdisciplinar e o objeto de seu estudo, que é a interação entre o homem e o trabalho, no sistema homem-máquina-ambiente. Ou, mais precisamente, as interfaces desse sistema, onde ocorrem trocas de informações e energias entre o homem, máquina e ambiente, resultando na realização do trabalho. (IIDA, 2005, p.2)

Já para Jan e Bernard (2012), a Ergonomia é uma ciência aplicada ao projeto de máquinas, equipamentos, sistemas e tarefas, com o objetivo de melhorar saúde, conforto e eficiência do homem, deixando bem explícito que, “[...] a Ergonomia focaliza o homem.” (DUL; WEERDMEESTER, 2012, p.14). Diversas associações de Ergonomia apresentam as suas próprias definições,

mas a mais antiga em uso é a da Ergonomics Society<sup>7</sup>, sediada na Inglaterra trazendo a seguinte definição.:

Ergonomia é o estudo do relacionamento entre o homem e seu trabalho, equipamento, ambiente e particularmente, a aplicação dos conhecimentos de anatomia, fisiologia e psicologia na solução dos problemas que surgem desse relacionamento. (apud IIDA, 2005, p. 2)

Cabe sinalizar que as definições da Associação Brasileira de Ergonomia<sup>8</sup> e da *The International Ergonomics Association* – versão atualizada em relação ao período do lançamento do livro de Itiro – usam os termos “ser humano” e “atividades humanas” no lugar de homem, sinalização que não foi levada em consideração pelo autor.

Panero e Zelnik (2016), além de atualizarem o uso do termo “homem” para o termo “ser humano”, fazem uma reflexão sobre quais corpos são contemplados. Dialogando com o que Pater (2020) sinaliza sobre os dados terem sido levantados a partir de um grupo específico da população estadunidense, os autores pontuam:

A maior parte das pesquisas nessa área [dados ergonômicos e antropométricos] é relativa ao setor militar, e não aos civis da população mundial. As razões são óbvias. Antes de tudo, é exatamente dentro desses setores que existe uma necessidade mais intensa de tais dados, para equipar e vestir adequadamente os respectivos exércitos, forças aéreas e marinhas. Segundo, há uma reserva nacional e numerosa de sujeitos disponíveis. Terceiro, os fundos para implementar tais estudos são empenhados e disponibilizados pelos respectivos governos envolvidos. (PANERO; ZELNIK, 2016, p.26)

As marcações de gênero nestas literaturas se dá também nas representações imagéticas apresentadas pelos autores, nas quais é possível perceber reforços binários e biologizantes sobre o funcionamento do corpo e principalmente dos papéis sociais que esses corpos podem ocupar, como ilustram as figuras a seguir.

7 [www.ergonomics.org.uk](http://www.ergonomics.org.uk)

8 [www.abergo.org.br](http://www.abergo.org.br)

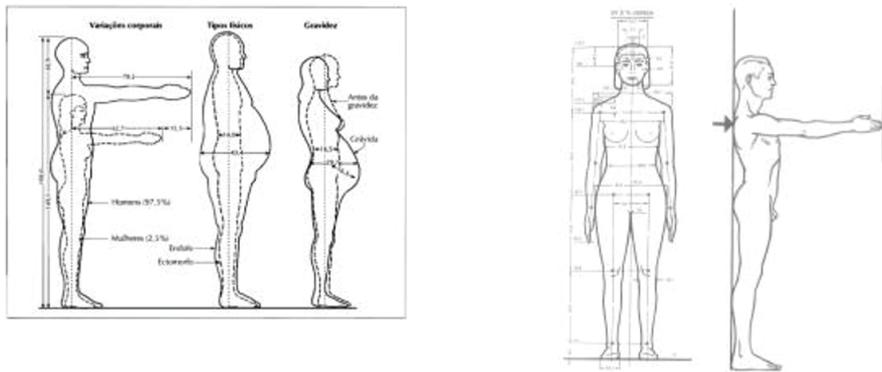


FIGURA 3. À esquerda, foco sobre gravidez, p.104 (IIDA, 2005). À direita, uso do corpo com genitália, p.31 e 42 respectivamente (PANERO e ZELNIK, 2016).

Itiro (2005) infere que apenas o corpo de uma mulher cisgênero pode gestar e reproduzir, como demonstrado na Figura 3, trazendo essa afirmativa também em sua escrita: “As mulheres grávidas aumentam essa dimensão lateral do abdômen em 80%.” (IIDA, 2005, p.105). Assim como Panero e Zelnik (2016) utilizam uma representação do corpo fazendo uso dos órgãos genitais para identificar os gêneros (Figura 3, à esquerda).



FIGURA 4. Sanitários públicos masculinos, p.276 (PANERO e ZELNIK, 2016).

Panero e Zelnik (2016), em uma tentativa de sinalizar a organização de banheiros públicos, ilustram na figura 9 o mictório como elemento de banheiros masculinos, que não abarca a diversidade de corpos que se entendem dentro das identidades masculinas. Corpos que não possuem pênis, além de muitos outros que possuem pênis, mas que não se encaixam na categoria homem, tampouco utilizam banheiros masculinos.

Essa construção e organização de banheiros provém da binaridade de gênero e, de acordo com Paul B. Preciado (2017), essa marcação reafirma a divisão sexual binária, construindo de forma artificial o que chamam de normalidade, sem levar em conta que existe uma infinidade de configurações dissidentes que escapam do binarismo e que não são medidas dentro das réguas reguladoras que definem gênero.

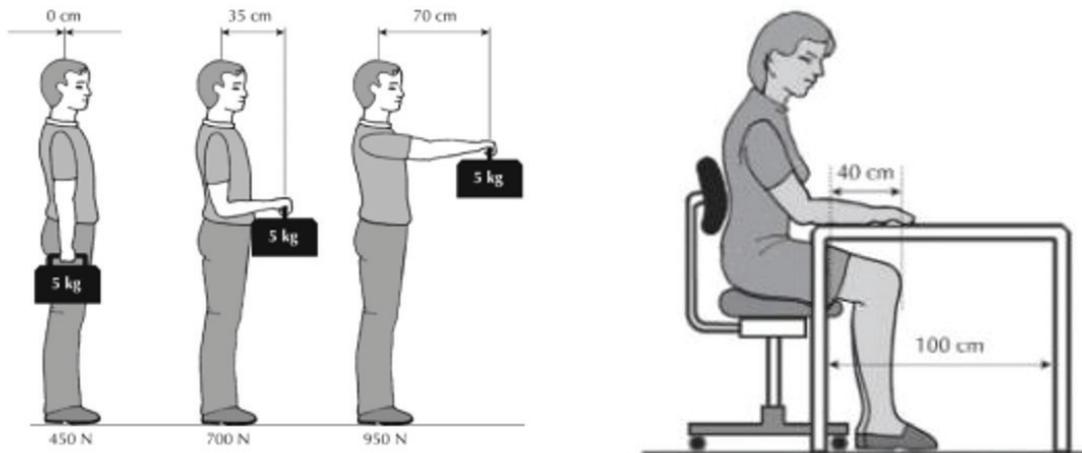


FIGURA 5. À esquerda, postura e pega, p.19 (DUL e WEERDMEESTER, 2012). À direita, postura em assentos, p.33 (DUL e WEERDMEESTER, 2012).

Na relação de trabalho e postura, Dul e Weerdmeester (2012) voltam seus estudos sobre a relação de exaustão e os limites de corpos em relação ao trabalho. Os autores escolhem ilustrar corpos lidos como homens na relação de esforço físico e corpos lidos como mulheres em situações de escritório ou de menos esforço físico, como a posição sentada, já que utilizam como argumento a fisiologia para medir a exaustão corporal.

As representações da relação de homem, mulher e trabalho não são uma exclusividade apenas da literatura de Dul e Weerdmeester (2012). Existe um reforço imagético de todos os autores aqui analisados em pontuar os papéis sociais que se esperam de cada gênero, colocando a figura masculina sempre em relação à máquina e trabalho, e figuras femininas em relação a trabalhos que tendem a ter menos esforço e sua relação com o lar.

### Considerações finais

Demonstramos como as bibliografias aportadas para esta reflexão podem reforçar e evidenciar representações do corpo à luz do binarismo de gênero e por vezes sob uma supremacia da figura do homem. A ergonomia, assim como muitas outras áreas de investigação, respondem a um tempo e a

um conjunto de discursos que definem traços culturais e atravessam suas práticas. Nosso objetivo com a apresentação destes vestígios é tornar evidente a necessidade de uma revisão na forma como se manifestam estas representações do corpo, bem como tornar evidente os corpos que não estão ali contemplados.

Sobre a representação dos corpos congruentes, Viviane Vergueiro (2015) afirma que a cisgeneridade se baseia na premissa de que corpos “normais”, “ideais”, “congruentes” ou “padrão” apresentam uma certa coerência fisiológica e psicológica em termos de seus pertencimentos a uma ou outra categoria de “sexo biológico”. E que tal coerência se manifesta nas expressões e identificações vistas como “adequadas” para cada corpo de maneira consistente através da vida de uma pessoa. Como se a normalidade viesse de parâmetros ditos coerentes dentro da tríade sexo-gênero-desejo, conforme trazido por Butler (2003).

Butler (2003) afirma que existe uma recusa pelos sujeitos inseridos em uma determinada matriz cultural de qualquer possibilidade de articulação fora de seu enquadre – o que leva à busca de uma maior normatização e, conseqüentemente, de uma maior intolerância, forçando a exclusão e violência, também simbólica, dos corpos tornados abjetos.

Pessoas trans, travestis, não binárias têm seus corpos desfigurados pela ausência de representação, também em áreas como a Ergonomia. A Ergonomia que mede, encaixa, sinaliza, adapta, projeta – incide sobre a superfície do corpo, se inscreve neste corpo e colabora na reafirmação e desenho de um corpo ideal.

Medidas e representações do corpo generificado estão presentes no nosso cotidiano através de produções textuais, em portas de banheiros públicos, separação de filas, brinquedos, e tantos outros artefatos que incorporam e reproduzem a norma.

Lauretis (1994) nos fala de como bebês só seriam ‘humanizados’ quando se desvela se ele é menina ou menino (e nada além disso) – vide chá revelação – o que evidencia o quanto a determinação do sexo incide em conteúdos culturais de acordo com valores políticos, econômicos e hierarquias sociais da sociedade ocidental. Crianças desviantes a estas normas, forçadas a perpetuar como um corpo congruente desde a infância, encontram problemas sérios para o transicionamento no decorrer da vida.

É premente que a Ergonomia, campo importante de estudos do corpo no design, atualize suas formas de representação dos corpos, de entendimento de muitos outros corpos e configurações não contempladas. Dar a ver como estas práticas se evidenciam em bibliografias de estudos colabora também no desenvolvimento de um pensamento crítico sobre o design

e suas implicações políticas. Se gênero é fabricado, designers também são seus projetistas.

## Referências bibliográficas

ALMEIDA JUNIOR, Licínio; NOJIMA, Vera L.. **Retórica do design gráfico: da prática à teoria**. São Paulo: Blucher, 2010.

ALTMAYER, Guilherme. **Por um design transviado** IN: BECCARI, Marcos; PRANDO, Felipe (orgs.) Borda: Transversalidades discursivas em arte e design. Rio de Janeiro : Áspide editora, 2020.

BORGES, Laila. **As formas que moldam gêneros: o design como tecnologia de gênero no projeto de brinquedos infantis**. Dissertação (Mestrado em Gênero) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, UFBA. Salvador, 2017.

BUCKLEY, Cheryl. **Made in patriarchy: toward a feminist analysis of women and design**. Design Issues, Vol. 3, nº 2, p. 3-14. 1986.

BUTLER, Judith. (2003). **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade** (R. Aguiar, trad.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

DE LAURETIS, Teresa. Tecnologia do gênero. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org.). **Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p. 206 – 241.

DREYFUSS, Henry. **The measure of man Human factors in Design**. Whitney Library of Design, 1960

DUL, Jan; WEERDMEESTER, Bernard. **Ergonomia prática**. São Paulo, Edgard Blucher, 2012.

FORTY, Adrian. **Objetos de desejo – design e sociedade desde 1750**. São Paulo: Cosac Naify, 2007. HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: A educação como prática da liberdade**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

FRASCARA, Jorge. **Diseño grafico para la gente**. Buenos Aires: Ediciones Infinito, 2000.

GRASSINE. **Design abjeto: o queer eu tenho a ver com isso**. Dissertação (Mestrado em Design). Escola Superior de Desenho Industrial, Rio de Janeiro, 2023. Em fase de pré-publicação.

IIDA, Itiro. **Ergonomia: projeto e produto**. São Paulo: Edgard Blucher, 2000

KOYAMA, Emi. **Cissexual/Cisgender: decentralizing the dominant group**. 2002. Disponível em: <<http://www.eminism.org/interchange/2002/20020607-wmstl.html>>.

LOURO, Guacira L. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e a teoria queer**. Belo Horizonte. Autêntica, 2008.

LOURO, Guacira L. **Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas**. Pro-Posições, Campinas, SP, v. 19, n. 2, p. 17–23, 2016. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8643470>> . Acesso em: 15 abr. 2023.

MISKOLCI, Richard. **Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

NASCIMENTO, Letícia. **Transfeminismo**. Feminismos Plurais. São Paulo: Jandaraí, 2021

NEUFERT, Ernest. **A arte de projetar em arquitetura**. 5ed. São Paulo, Gustavo Gilli do Brasil, 1976.

PANERO, Julius. ZELNIK, Martin. **Dimensionamento Humano Para Espaços Interiores**. GG BRASIL, 2016

PATER, Ruben. **Políticas do design: Um guia (não tão) global de comunicação visual**. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

PORTINARI, Denise. **Queerizar o design**. Arcos Design. Rio de Janeiro: PPD ESDI – UERJ. Edição especial Seminário Design.Com, outubro 2017. pp. 1-19. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/arcosdesign/article/view/30937> . Acesso em: 10 dez. 2022.

PRECIADO, Paul B. Basura y género. Mear/cagar, masculino/femenino. In **El museo apagado pornografía, arquitectura, neoliberalismo y museos** (pp. 1-3). Buenos Aires: Malba, 2017.

RATI, Bianca; BECCARI, Marcos. **Estereótipos de gênero e apelos retóricos no design gráfico: um modelo de análise**. Estudos em Design. v28 n.1. pgs 06-26. Disponível em <<https://estudosemdesign.emnuvens.com.br/design/article/view/881>> Acesso em 20 Jan. 2023.

RODRIGUES, Talita; PORTINARI, Denise. **Gênero no Design: a reprodução dos ideais de masculinidade e feminilidade**. Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design, Belo Horizonte – MG, v. 9, ed. 2, p. 814-823, 2016. Disponível em: <http://pdf.blucher.com.br/s3-sa-east-1.amazonaws.com/designproceedings/ped2016/0070.pdf>. Acesso em: 7 dez. 2022.

TILLEY, Alvin R.; HENRY DREYFUSS ASSOCIATES. **As medidas do homem e da mulher: fatores humanos em design**. Porto Alegre: Bookman, 2005.

VERGUEIRO, Vergueiro. **Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade**. Dissertação (Mestrado em Cultura e Sociedade), Universidade Federal da Bahia. Bahia, p. 244, 2016.

WITTIG, M. **O pensamento hétero e outros ensaios**. Editora: Autêntica; 1ª edição, 2022.

ZACAR, Clúadia. **O design de interiores como prótese de gênero: um estudo sobre a Casa Cor Paraná (1994-2017)**. Tese de doutorado. UFPR, 2018 Disponível em <<https://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/handle/1/2976>> Acesso em 20 jan. 2023>.

---

### Como referenciar

MENEZES, Yasmin; GRASSINE; ALTMAYER, Guilherme. Design e gênero: marcações binárias na Ergonomia. **Arcos Design**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, pp. 258-275, jul./2023. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/arcosdesign>.

---

DOI: <https://www.doi.org/10.12957/arcosdesign.2023.73151>

---



A revista **Arcos Design** está licenciada sob uma licença Creative Commons Atribuição – Não Comercial – Compartilha Igual 3.0 Não Adaptada.

Recebido em 19/04/2023 | Aceito em 04/05/2023